



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PAMELA LAIS DE OLIVEIRA

**BUSCANDO SENTIDO DIANTE DA FINITUDE DA VIDA NA IDADE  
ADULTA-AVANÇADA**

Juazeiro do Norte  
2019

PAMELA LAIS DE OLIVEIRA

**BUSCANDO SENTIDO DIANTE DA FINITUDE DA VIDA NA IDADE  
ADULTA-AVANÇADA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Graduação em  
Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão  
Sampaio, como requisito para a obtenção do  
grau de bacharelado em Psicologia.  
Orientadora: Larissa Maria Linard Ramalho

Juazeiro do Norte  
2019

# BUSCANDO SENTIDO DIANTE DA FINITUDE DA VIDA NA IDADE ADULTA-AVANÇADA

Pamela Lais de Oliveira<sup>1</sup>  
Larissa Maria Linard Ramalho<sup>2</sup>

## RESUMO

A busca de sentido diante da finitude da vida na idade adulta-avançada tem feito com que os sujeitos procurem formas de enfrentamento e elaboração para encontrar tal sentido. Este artigo tem como objetivo principal compreender a busca por sentido nessa fase, e como objetivos específicos: compreender a percepção da representação do final da vida para os idosos, investigar as atitudes de enfrentamento que os idosos adquirem diante da aproximação da morte, e analisar qual o papel do psicólogo diante dos efeitos que o envelhecimento, a finitude e o sentido da vida causa no idoso. Mostra-se relevante portanto conceituar e discutir sobre a finitude da vida, a busca por sentido, o envelhecimento como processo vital, as formas de elaboração da finitude da vida e as contribuições da Psicologia. Foi realizada leitura seletiva e análise reflexiva, é uma análise bibliográfica com delineamento qualitativo, de caráter descritivo e exploratório. Após a análise percebe-se que os idosos são envolvidos por vários aspectos culturais que culminam numa nova descoberta de sentido de vida, tendo como base principal a sua espiritualidade; pois alguns idosos adentram num vazio por não depositarem sentido no processo de envelhecer e não lhes é proporcionado, muitas vezes, um apoio para lidar com essa fase. Acerca da finitude da vida, é perceptível a necessidade de auxílio do profissional de psicologia, para que se obtenha consciência de morte, e que a partir dessa consciência as suas escolhas os levem para a qualidade de vida.

**Palavras-chave:** Busca de Sentido. Finitude da vida. Envelhecimento. Morte. Psicologia.

## ABSTRACT

The search for feeling before the finitude of life in adult-advanced hood has made the subjects look for ways of coping and elaboration to find such meaning. This article has as main objective to understand the search for meaning in this phase, and as specific objectives: to understand the perception of the representation of the end of life for the elderly, to investigate the attitudes of coping that the elderly acquire in the face of approximation of death, and analyze the role of the psychologist in the face of the effects that aging, finitude and the meaning of life causes in the elderly. It is therefore relevant to conceptualize and discuss the finiteness of life, the search for meaning, aging as a vital process, the forms of elaboration of the finiteness of life and the contributions of Psychology. Selective reading and reflexive analysis was performed, it is a bibliographic analysis with qualitative design, descriptive and exploratory. After the analysis it is perceived that the elderly are surrounded by several cultural aspects that culminate in a new discovery of meaning of life, based mainly on their spirituality; because some elderly people enter a void because they do not place meaning in the process of aging and they are often not given support to deal with this phase. About the finiteness of life, the need for help from the

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio-UNILEÃO- Juazeiro do Norte-CE. Email: pamelalaisoliveira@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio-UNILEÃO- Juazeiro do Norte-CE, Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal do Cariri. Email: larissaramalho@leaosampaio.edu.br

professional psychology is noticeable, so that one obtains awareness of death, and that from this awareness their choices lead them to the quality of life.

**Keywords:** Sense Search. Finitude of life. Aging. Elderly. Psychology.

## 1 INTRODUÇÃO

As pessoas procuram incessantemente uma explicação sobre a vida, indagando sua existência. Os significados que os mesmos direcionam a suas ações e experiências relaciona-se com a procura por um significado, existem elementos que interferem na percepção desse sentido, tanto interiores como exteriores. E o envelhecimento e a finitude da vida são aspectos que geram reflexões e influência nas ações e no modo de vida do sujeito (SOMMERHALDER, 2010).

No Brasil a população em idade adulto-avançada tem aumentado. Segundo os dados colhidos pelo IBGE publicados no ano de 2018, esse aumento de idosos nos anos de 2012 a 2017 corresponde a 18%, onde em 2012 eram 25,4 milhões e em 2017 eram 30, 2 milhões, aumentando a representatividade desse grupo no Brasil. Esse aumento é reflexo da perspectiva de vida, qualidade e da forma de enfrentamento diante da finitude da vida.

Durante o processo de envelhecimento é recorrente se falar e pensar sobre finitude, morte e sentido da vida. A partir do momento que o sujeito se conscientiza sobre o fim da vida, o mesmo tende a refletir e possivelmente modificar suas convicções, possibilitando a melhoria na qualidade de vida e tornando o indivíduo satisfeito. A satisfação pessoal no envelhecimento também depende da elaboração da finitude, das formas de enfrentamento e do sentido que se atribui a vida.

O presente estudo objetiva compreender a busca por sentido na idade adulta-avançada, partindo dos objetivos específicos: compreender a percepção da representação do final da vida para os idosos, investigar as atitudes de enfrentamento que os idosos adquirem diante da aproximação da morte, e analisar qual o papel do psicólogo diante dos efeitos que o envelhecimento, a finitude e o sentido da vida causa no idoso, fazendo uso da revisão literária que abordem tais aspectos. O arcabouço teórico se dará fazendo um trajeto pelos temas: finitude da vida, busca de sentido da vida, envelhecimento como ciclo vital, elaboração da finitude da vida e contribuições da psicologia, para subsidiar a discussão posteriormente dos materiais encontrados.

Visto que a morte é um fato inevitável, e que pensar no fim da existência faz com que se reflita sobre os medos, expectativas, anseios e por esse assunto ser por muitas vezes evitado na nossa sociedade, a pesquisa se torna pertinente, evidenciando as possíveis contribuições

desse trabalho. As conclusões podem servir de base para outros estudos nessa área, além disso, o tema representa algo enigmático e misterioso instigando a pesquisadora a saber sobre, e preparando-a para que futuramente seja possível auxiliar os idosos na sua profissão.

O tema também pode contribuir para a Psicogerontologia, disciplina nova na grade curricular do Curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO), assim como na área da psicogerontologia no geral, divulgando sobre as possíveis intervenções efetivas e acolhedoras do profissional de psicologia diante dessas vivências e contribuindo na expansão desses assuntos muitas vezes desconhecidos, aumentando o material para estudos sobre o assunto.

## **2 METODOLOGIA**

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica com delineamento qualitativo, de caráter descritivo e exploratório. A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2017) trata-se de um estudo que se desenvolve a partir de livros, teses, artigos científicos e jornais. Todas as pesquisas são constituídas de uma parte bibliográfica, para que seja fundamentada teoricamente, com a vantagem de o pesquisador ter acesso amplo aos fenômenos pesquisados.

O caráter descritivo da pesquisa levou a descrição do fenômeno da busca de sentido diante da finitude da vida, e no decorrer das pesquisas acabou proporcionando uma visão diferenciada do problema, que é a falta de sentido na fase da velhice, portanto também é caracterizada de exploratória.

Os temas analisados foram os seguintes: finitude da vida, buscando o sentido da vida, envelhecimento como processo vital, elaboração da finitude da vida e contribuições da psicologia. Foram pesquisados artigos científicos, livros e dissertação de mestrado sobre o tema, nas seguintes bases de dados: SCIELO, PEPSIC e Google Acadêmico. Para a seleção das fontes será considerado como critério de inclusão estudos empíricos publicados nos últimos 10 anos que abordem sobre o tema, de modo que sejam localizados artigos atualizados. Os textos encontrados devem possuir os descritores: “Finitude”, “Sentido da vida”, “Envelhecimento”, “Idoso” e “Psicologia” e devem estar no idioma em português. Os critérios de exclusão foram: publicações anteriores a 2009 e estudos que abordem outra temática, mesmo possuindo os descritores.

Se tratando de procedimento metodológico, pode-se dividir este nas seguintes etapas: leitura seletiva, em que foi escolhido material principal das bibliografias. Posteriormente foi feita uma análise reflexiva com aprofundamento nos textos selecionados, escolhendo as ideias

principais. Ao decorrer da pesquisa, procurou-se o maior número de obras que fossem relacionadas com a temática. Concluído o levantamento bibliográfico foram selecionados artigos que abordem de forma completa e consistente o tema pesquisado, no período proposto. Os textos foram analisados e selecionados a partir de uma leitura seletiva de fichamentos (GIL, 2017).

### **3 FINITUDE DA VIDA**

A existência do ser humano é finita, porém mesmo reconhecendo a nossa finitude dessa maneira, as pessoas esperam e preferem pensar que esse não será seu fim. O ser humano tem tendência a encobrir a finitude, mesmo tendo conhecimento que todos morreremos um dia, o reconhecimento da morte para todos perpassa a finitude, pois possui convicção da morte, entretanto não vê e não sabe acerca da sua própria (GREAVES, 2012).

A palavra finitude nos traz o sentido de fim e de limite, essa finitude é característica inerente da espécie humana, tornando os indivíduos vulneráveis e propensos a uma interrupção definitiva da existência humana terrena. A partir do momento que nascemos nos tornamos vulneráveis e expostos a vários fatores que pode nos levar a morte, colocando-nos de frente a essa possibilidade de morrer (SCHRAMM, 2012).

O significado que cada pessoa atribui a morte depende das vivências, da cultura em que o sujeito está inserido e da sua família, assim constituindo o seu próprio sentido sobre tal fato ao longo do tempo (BARBOSA; NEME; MELCHIORI, 2011). A morte sempre foi e sempre será um acontecimento existente na realidade dos seres humanos, podendo acontecer com um familiar ou conhecido, por diversas causas: acidente, doença ou quando o sujeito está com uma idade avançada e mais vulnerável para fatores que possam causar a sua morte (CÓTICA, 2011). Estar na idade avançada significa estar na velhice, uma fase que existe muito pré-julgamento, discriminação, estigmatização e atribuições negativas, em decorrência das dificuldades e perdas que começam a surgir nessa fase afetando o corpo, a vida social e produtiva, além das relações familiares, por consequência disso a forma de enfrentamento que os mesmos adotam depende do processo de desenvolvimento de cada um e a sua consciência (KOVÁCS, 1992).

Araújo *et al.* (2013, p. 2498) descreve que:

A percepção de finitude se inicia na infância, mas é na adolescência que entendemos realmente o sentido da morte. Na idade adulta comprovamos tal fato como algo possível de acontecer, todavia é na velhice que sua possibilidade parece ser aceita, sendo encarada como a última etapa do ciclo do desenvolvimento humano no qual há

um número maior de perdas, colaborando para que o idoso pense mais sobre sua finitude.

Na idade adulta-avançada os indivíduos olham o fenômeno da morte com possibilidade de indagar o sentido da sua existência, fazendo uma análise no seu consciente sobre tudo que viveu, levantando os pontos positivos que as experiências trouxeram, e pensando na sua própria morte e reação. Com a consciência da finitude e do real o mesmo pode se nortear através da percepção do seu próprio final (MACHADO, 2016). O fim da vida é um fator real, mesmo que se evite pensar nele, todos terão a sua hora. Vivenciar de perto a morte de pessoas próximas, faz com que essa realidade venha à tona fazendo com que se reflita sobre a própria finitude, tomando consciência da nossa vulnerabilidade. Quando se evita pensar na morte, distancia-se e nega-se a dor que a mesma traz, além da autoproteção que se cria, fugindo desse contato com esta, como se assim ela deixasse de existir (LIMA *et al.*, 2017).

Almeida (2015, p.73), comenta que:

A maioria das pessoas vive como se a morte estivesse extremamente longe, acontecendo com aqueles que não lhe são próximos. Pensar sobre a finitude causa desespero, tristeza, somente sentimentos negativos. É complexo e difícil analisar a morte como destino irremediável de todo ser humano. Por isso, é mais fácil defender-se emocionalmente, evitando o assunto ou negando sua existência.

Com relação à finitude, a morte causa no homem a significação de um sentido em desfrutar das possibilidades e viver por alguém ou por si próprio. Em cada momento, cada sujeito tem o seu destino que é único, e que não se repetirá, possibilitando alcançar as realizações almeçadas, e tendo total responsabilidade das suas escolhas. Quando o sujeito não aceita o seu destino, não se responsabilizando, este não entendeu o significado do seu caminho, assim como o final da vida que possibilita sentido à vida (CORRÊA; RODRIGUES, 2013).

Como a morte gera vários sentimentos, e as pessoas reagem de formas diferentes, se faz necessário que o assunto seja abordado com mais frequência para que se consiga pensar e enfrentar esse fato com menos estranheza, depois que se é consciente da finitude começa a se fazer uma análise sobre o que se tem vivido, se está valendo a pena, quais caminhos, o que está se fazendo e o que foi construído até aqui, é revisto as relações, magoas, atos contra o outro e possíveis mudanças, além de trazer ao imaginário, questionamentos de como será, e o que irá acontecer após tal acontecimento (LIMA *et al.*, 2017).

Uma vida sem sentido pode ser resultado de não se pensar na finitude da vida, pois no fim das contas o fim da vida é uma convicção única que o ser humano tem. Enquanto esse momento não chega, o mesmo passa por diversas situações em que terá que recorrer por todas as suas habilidades para superar e se ressignificar (CORRÊA; RODRIGUES, 2013).

Para Lima *et al.* (2017, p.3):

Nos momentos finais de um indivíduo, além da necessidade de deixar um legado, aparecem as necessidades de resolver questões mal-elaboradas ao longo da vida; discutir sobre os papéis sociais e como sua família irá assumir responsabilidades na sua ausência. A necessidade de reconciliação com os outros, consigo mesmo e com um ser supremo é algo também muito presente nas pessoas que estão em processo de morrer.

É como se houvesse necessidade de interromper um contrato feito com o sujeito e com as outras pessoas. Essa carência da despedida, de reunir as pessoas que se tem vínculos afetivos é como um pedido e aviso de afastamento da vida delas e do mundo, buscando um aval dos seus familiares para que possa se libertar e morrer, com o desejo de que os que ficam irão tocar as suas vidas sem o mesmo (LIMA *et al.*, 2017). Portanto, os indivíduos devem realizar a sua tarefa na terra, para que se tenha sentido na finitude da vida. Conforme a realização de valores, reavendo oportunidades do passado, no presente para que no futuro sejam transformadas baseado na conquista da sua própria tarefa (CORRÊA; RODRIGUES, 2013).

#### **4 BUSCANDO O SENTIDO DA VIDA**

Na condição humana os sujeitos incessantemente procuram explicação em torno da vida e de suas vivências. O sentido é a significação ou o porquê de existir, causando levantamento de hipóteses e dúvidas a respeito desse sentido, e da duração de sua própria existência. Viktor Frankl, tem uma teoria onde o sujeito consegue chegar até esse sentido da vida, motivando as realizações e direcionando o sujeito a partir da significação atribuída a esse sentido (ROCHA; PEREIRA; SILVA, 2018).

##### **4.1 A LOGOTERAPIA**

A teoria do Psiquiatra Viktor Frankl (1905 – 1997) é nomeada de Logoterapia também designada de Psicoterapia do sentido da vida, com caráter fenomenológico, humanista e existencial, vê o sujeito diferente de outras abordagens, propondo e explicando o fenômeno da existência através dos próprios acontecimentos cotidianos (MOREIRA; HOLANDA,2010).

Frankl (2008), foi aprendiz de Freud e Adler, entretanto criou a sua própria teoria, por não concordar que o homem é impulsionado exclusivamente pelo princípio do prazer, constatado por Freud na psicanálise e por Aldler na sua teoria. Para Frankl encontrar o que do sentido à vida é o que impulsiona viver.

De acordo com Frankl (2017), a logoterapia como psicoterapia é baseada em três pressupostos: a liberdade de vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida. A liberdade de vontade é uma resposta consciente do indivíduo, com responsabilidade e capacidade de refletir sobre as interrogações que o mundo propõe.

A vontade de sentido como segundo pressuposto, relaciona-se com a busca de sentido que é resultado de uma tensão existencial, entre o que é e o que se tornará (VEGA, 2016). A logoterapia traz a vontade de sentido como a sede existencial do homem, um sentido para cada momento vivido, na psicoterapia o sujeito é convocado a se conscientizar e se responsabilizar, olhando para os seus valores e a experiência em si para que se descubra o sentido da vida (AQUINO, 2013).

O terceiro pressuposto básico da logoterapia é o sentido da vida, que é algo que pode ser alcançado pelo ser humano até os últimos instantes da nossa existência. Ou a nossa vida possui sentido, ou não faz sentido viver (FRANKL, 2017). A logoterapia propõe que a busca de sentido seja realizada por três tipos de valores: valores vivenciais, valores criativos e valores atitudinais, ou seja, vivenciando, criando e enfrentando o sofrimento inevitável. Esses valores representam uma maneira de ser e ver o mundo a ponto de mudar a sua atitude diante da impossibilidade de mudar de circunstâncias (VEGA, 2016).

Observou-se que sujeitos solitários, que não possuem ninguém e nenhum sentido para viver, estavam predestinados ao fim da sua própria existência, porem sobreviver não depende unicamente do sentido da vida. Acontece que aquele que não encontra sentido, entrega-se ao sofrimento, já aquele que tem porque viver é resistente ao sofrimento e até dar a sua vida pelo que acredita e por seus princípios (VEGA, 2016).

Na vida do sujeito a busca de sentido é um impulso de primeira ordem, não é instintivo que vem em segundo plano. O sentido é singular e individual, onde será realizado pela pessoa específica, para que esse sentido corresponda, agrade e dê prazer a exclusiva vontade de sentido. Os significados e os princípios não são apenas mecanismos de defesa, entretanto os

sujeitos encaram como tal e insistem nas suas próprias convicções, sem dar espaço para as mudanças, defendendo os seus próprios preceitos e ideologias até o fim (ROCHA; PEREIRA; SILVA, 2018).

De acordo com Souza *et al.* (2018, p. 507):

O sujeito contemporâneo e demandado por inúmeras exigências que estão comprometendo sua saúde, dessa maneira, há a necessidade de buscar novas formas de intervenções psicoterápicas para a melhoria da qualidade de vida e a ressignificação do sujeito.

O ser humano tem as suas particularidades, visto que é livre e tem autonomia para determinar as suas vontades, o mesmo encontra sentido para sua existência quando se autoconhece, e é a partir da vivência de situações e compreendendo a realidade vivida que o sujeito é livre pra escolher o seu lugar no mundo, usando da consciência e responsabilidade para evidenciar as suas escolhas e arcar com as consequências. Assim o sentido da vida é voltado para a intencionalidade que tem por intuito fixar a sua existência no mundo (ROCHA; PEREIRA; SILVA, 2018).

Na atualidade o ser humano vem perdendo as suas referências, e conseqüentemente o sentido da vida, imerso em problemas da contemporaneidade como o consumismo e a correria do dia a dia. O mesmo vem se perdendo e esquecendo quem se é, priorizando apenas o que se deve fazer, assim gerando frustração existencial por causa de uma mentalidade reducionista e de uma visão que possibilite enfrentar os problemas da existência (MATOS, 2012).

Não se deve generalizar em nenhum momento o sentido da vida, pois as respostas para esse sentido nunca serão validas para todos, cada indivíduo atribui o seu próprio significado, com possibilidades de mudanças a cada instante. Cada ser humano tem as suas particularidades e individualidades, e em qualquer circunstancias o sujeito é convidado a se comportar de outra forma, evitando comparações entre futuro de cada um, pois nenhum caso será igual ao outro. Cada um deve seguir o que lhe é destinado, se ajustando, desfrutando das chances e experienciando os momentos, consciente de que cada circunstância tem caráter único, irrepetível e com sentido próprio (ROCHA; PEREIRA; SILVA, 2018).

Segundo Junior (2013, p. 60):

Ao contrário do que possa parecer, a vida pode ter sentido em qualquer situação, segundo Frankl, mesmo nos momentos mais extremos. O sofrimento terrível pelo qual passam muitos seres humanos, em todas as épocas, perturba muitos pensadores, os quais perguntam o porquê do homem passar por momentos tão terríveis e cruéis.

O sujeito tem que encontrar sentido também no sofrimento, por mais difícil que seja é demandado que se tenha entendimento e conscientização de que o sofrimento também é particular, e que só quem sente é o sujeito, é preciso autonomia para reconhecer seu sofrimento. Ninguém pode sofrer o sofrimento do outro, não é transferível, porém a forma única que se lida com esse sofrimento nos mostra as chances de vencer também particular e exclusiva, só o sujeito poderá sentir isso. A maneira que é dado sentido ao sofrimento transformamos as nossas atitudes para enfrenta-lo. Por vezes esse sentido pode não ser encontrado, causando no indivíduo um vazio existencial, manifestando desde um estado de tédio até uma situação extrema que é tirar a própria vida (SANTOS; BARBOSA, 2013).

Santos e Barbosa (2013), salientam que a busca por sentido para viver se mostra mais que um problema, é uma evolução a nossos olhos e ouvidos, que chega cada vez mais as clínicas de psicologia, dando maior relevância a logoterapia que a bastante tempo já tem essa preocupação e foco. Essa abordagem teórica faz relação da espiritualidade com o ser humano, e salienta que a espiritualidade e o sentido têm uma forte ligação.

## **5 ENVELHECIMENTO COMO PROCESSO VITAL**

De acordo com Rabello e Passos (2018), o desenvolvimento humano é um avanço progressivo no decorrer do ciclo vital, esse avanço pode ocorrer em vários campos, tendo como exemplo o social, motor, cognitivo e o afetivo. Assim esse avanço progressivo depende do meio onde o sujeito está inserido, já que o mesmo é um fator de grande importância para o desenvolvimento, visto que este já nasce dentro de uma cultura, a mesma atua de modo direto no desenvolvimento humano, e este âmbito cultural é cenário de mudanças e avanços da infância até a velhice. Por conta da interação social é possível aprender, nos desenvolver, inventar novas maneiras de se comportar no mundo e atuar socialmente.

De acordo com Vygotsky (1996), o ser humano se desenvolve através da aprendizagem que ocorre por intermédio da internalização de conceitos provenientes da aprendizagem social, essencialmente a do ambiente escolar. Vygotsky acredita que é necessário que a criança interaja com ambientes e ações específicas que proporcionem tal aprendizado, afirmando não ser suficiente o aparato biológico da espécie na realização de uma tarefa. Para esse autor as experiências em que o sujeito entra em contato geram aprendizagens e influência no desenvolvimento dessa criança. Por conta disso o sujeito é considerado ser que pensa, no qual vincula as suas ações a representação do mundo, onde a escola é o espaço que este processo acontece, uma vez que o ensino-aprendizagem envolve a relação com o outro.

Envelhecer é um aspecto típico do ser humano, que acontece no decorrer da vida. A partir do momento que nascemos o tempo começa a correr e a cada dia envelhecemos um pouco, até chegar a velhice onde o sujeito enfrenta inúmeros desafios e transformações, além de ter que lidar com a aproximação da morte (PAPALIA; FIELDMAN, 2013).

De acordo com Espírito Santo e Cunha (2012), o processo de envelhecimento é particular, e as mudanças ocorridas acontecem sem que se possa evitar. Nesse processo os âmbitos, social, biológico, psicológico e econômico sofrem impactos, onde muitas vezes tornam-se enfrentamentos internos adquiridos pelo ciclo vital. O envelhecimento é visto e vivenciado por cada um, e depende de como o sujeito percebe e vivencia, a partir da sua experiência.

Stuart- Hamilton (2002), concorda que o envelhecimento é inevitável e afirma que a expectativa de vida do ser humano depende do estilo de vida que leva e do grupo socioeconômico pertencente. Posteriormente fala sobre dois processos que afetam o sujeito no decorrer do envelhecimento, efeitos distais do envelhecimento, referente a falta de mobilidade; efeitos proximais de envelhecimento, que corresponde à quando o indivíduo quebra uma perna. Existe ainda aspectos compartilhados por todas as pessoas mais velhas, considerados universais, como, por exemplo, a flacidez da pele.

Todo o corpo sofre impactos fisiológicos ao longo da sua existência. Assim a vida é dividida por fases, a primeira fase é a de crescimento onde indivíduo se desenvolve, ocorre a maturação dos órgãos e o organismo obtém capacidade funcional. Na segunda fase os indivíduos se reproduzem, os mesmos tem por responsabilidade dar continuidade a espécie. E temos a velhice como última fase, onde existe o declínio da capacidade funcional adquirida anteriormente, é uma fase que existem várias dificuldades (TEODÓSIO, 2013).

Segundo Faber (2012) a velhice é percebida como uma fase de perdas, por esse motivo deve ser enfrentada com tranquilidade, fazendo-se necessário que essas perdas sejam elaboradas para se chegar no luto. A velhice é carregada de pré-julgamentos, estigmas e é vista como uma fase frágil, já que a sociedade quer sujeitos ativos, ágeis e produtivos, essa percepção do idoso acontece pela grande valorização da juventude na contemporaneidade, muitas vezes os idosos são excluídos e não tem a atenção e auxílio necessários.

Nessa fase existe uma reorganização de papeis e rotina que afetam as suas relações sociais. A relação com os familiares dependem da proximidade, local onde moram, e de como era essa relação no passado, e a relação com amigos geralmente, constituída a anos, tem grande valor e continua a ser semeada, porém, essa rede de relações vai se tornando fragilizada com a perda de amigos e da autonomia (CAMARGOS, 2019).

O idoso muitas vezes trava uma luta para continuar independente, conservar a sua autonomia e permanecer lutando diante das mudanças que surgiram com o envelhecimento. Por essa razão é necessário que mesmo com as limitações respeitem a liberdade e a força de vontade do idoso, ajudando-o no desenvolvimento da independência dentro dos seus limites e reforçando o seu aprendizado para que o mesmo saiba lidar com as perdas (LIMA *et al.*, 2011).

## **6 FORMAS DE ELABORAÇÃO DA FINITUDE DA VIDA**

A morte e o morrer são fatos intrínsecos aos seres humanos, tais fatos são rodeados de imprevisibilidade e incertezas, onde o ser humano convive desde o seu nascimento. A morte pode gerar conflitos tanto pessoais e em relação a própria morte, como a morte de um familiar. As formas de encarar a morte e o morrer são diversas, dependendo da cultura, individualidades e do que o indivíduo pensa (JÚNIOR *et al.*, 2011).

Para Berger (2013), a cultura é uma grande influenciadora de várias práticas que envolvem a morte, desse modo o local da morte, o local do velório, as súplicas são de grande importância. Assim o luto se tornou menos afetivo, por causa dessa cultura que camufla a expressão dos sentimentos, no entanto, quando o sofrimento não é expresso pode ser prejudicial.

Geralmente o luto é um sentimento advindo da perda de alguém, causando tristeza, entretanto este pode gerar angústia, raiva, dor e medo. O luto também pode ser vivido por alguém que está sofrendo com uma doença terminal, ele caracteriza-se pela junção de respostas diante de uma perda importante (BIFULCO; CAFONERO, 2016).

É de suma importância o entendimento de que o luto é tão relevante quanto a morte e o morrer nos cuidados paliativos, pois deve-se prestar cuidados tanto ao paciente como o familiar que possivelmente perderá o seu familiar. O luto é definido como a reação psicológica e emocional que surgem com uma perda, seja de algo material, animal ou uma pessoa importante, pressupõe-se que a intensidade do vínculo determina quanto será o sofrimento. Não existe uma fórmula exata para que todos vivenciem o luto da mesma forma, essa experiência é individual. É notável que as pessoas nesse processo passam por estágios distintos até conseguirem lidar melhor com esse sofrimento (BIFULCO; CAPONERE, 2016).

Kubler-Ross (1996) relata que existem cinco estágios do luto, que podem ajudar os profissionais a entender o que o paciente e os seus familiares estão sentindo. O primeiro estágio é a negação e isolamento, onde o paciente se recusa a aceitar o que está acontecendo, essa negação é uma forma de defesa que o sujeito encontra, podendo tentar fugir da realidade. O segundo é a raiva, o enlutado pode se revoltar contra as pessoas a sua volta e até contra quem

faleceu, caracteriza-se por perder o controle em lidar com o sofrimento. A barganha é a terceira fase, onde o sujeito tenta fazer acordos com Deus, e surge o sentimento de culpa, além das crenças se fazerem presente nessa fase. O quarto estágio é a depressão, podendo ser reativa ou preparatória para a morte, fazendo-se necessário que o sujeito se expresse. E a aceitação é o último estágio, onde o indivíduo sente a dor cessar, o mesmo reconhece e aceita que a perda é irreversível, e é a partir daí que o sujeito começa a voltar a fazer o que fazia antes da perda. Estes estágios não necessariamente ocorrem de forma linear.

Ter consciência de si mesmo torna o homem ser humano, porém isso só é válido quando o sujeito tem consciência da sua própria morte. Existir sempre vai refletir no conhecimento de que se cresce, desenvolve e morre. A morte é um fato pertencente da vida mais do que o ser humano percebe, ela rodeia as doenças, os conflitos, os fatos imprevisíveis, os hospitais, as casas e as ruas (PORTO; LUSTOSA, 2010).

É muito significativo quando o sujeito entende que irá morrer, pois, diante de tal consciência, o mesmo se inquieta e se preocupa em transferir valores, cultura e bens que perpassam gerações. A aproximação da morte faz com que esse sujeito atribua sentido consciente a sua vida e preserve a sua cultura, as suas ações a partir dessa consciência serão pautadas de acordo com a sociedade, o tempo e a cultura que faz parte, aonde o indivíduo se encontra também interfere e influi na maneira de agir diante da morte (NEGRINI, 2014).

O México se distingue de outros países como o Brasil, por sua maneira peculiar de enfrentar a morte, os seus habitantes seguem tradições e culturas de cerimônias que a rodeiam. O sagrado e profano são misturados contendo, humor, medo, ironia e comemoração, assim sendo maneiras de afastar e, ao mesmo tempo aproximar a morte, o receio e temor diante da morte foi herança do catolicismo trazido pelos espanhóis, já a comemoração do dia dos mortos pratica advinda de culturas indígenas, pois antigamente os Astecas e Maias cultuavam os mortos, e idolatravam os seus ancestrais (VILLASENOR; CONCONE, 2012).

O dia dos Mortos para os mexicanos é o único dia que os falecidos voltam a nosso plano terrestre, por essa razão os familiares se organizam para recepcioná-los, fazendo comidas favoritas, decorando a casa com arcos de flores para que sejam bem-vindos, essa preparação toda tem o intuito de agradar e homenagear os seus entes queridos. A cidade também é ornamentada, com símbolos de caveiras, esqueletos, túmulos e ossos de maneira lúdica (FRUGOLI; REJOWSKI; COBUCI, 2016).

Vivenciar perder pessoas importantes muitas vezes impulsiona o sujeito na busca de sentido. No momento de angústia e sofrimento o ser humano busca mecanismos para enfrentar a dor e ameniza-la, se segurando em algo grandioso e com poder para suportar o momento e

dar continuidade a vida. No processo de luto a espiritualidade serve como amparo, a partir dela o indivíduo ressignifica o sofrimento, esta é considerada positiva e possibilita o sujeito a expressar a sua dor e receber apoio (ALMEIDA, 2015).

Segundo Silva (2011), a espiritualidade se apresenta como recurso de enfrentamento e compreensão da finitude, ultrapassa o sofrimento enfrentado pelo sujeito e retrata a busca de sentido, a mesma é subjetiva, tem as suas particularidades e diferenças para cada sujeito, visto que estar ligada ao que o indivíduo acredita, o seu conhecimento pessoal, a suas conexões e objetivos de vida. A significação da palavra espírito refere-se a sopro, fazendo associação ao sopro da vida.

Silva (2016, p. 256), ressalta a diferença entre espiritualidade e religiosidade:

A espiritualidade diz respeito à busca do ser humano por um sentido e significado transcendente da vida. A religião, por outro lado, é um conjunto de crenças, práticas rituais e linguagem litúrgica que caracteriza uma comunidade que está procurando dar um significado transcendente às situações fundamentais da vida, desde o nascer até o morrer.

Entende-se que a espiritualidade e a religiosidade nos idosos aumentam ao longo do tempo, por estas darem respostas as indagações relacionadas ao sentido da vida. A espiritualidade mostra-se como indicativo de resiliência, por permitir atribuir significado as situações negativas, além disso, entende-se que quando o sujeito estar ligado a alguma religião ou a espiritualidade, estas podem influenciar no processo de luto (FARINASSO; LABATE, 2012).

Estar em sofrimento possibilita ao sujeito encontrar um sentido, quando este encara como um desafio e uma chance de obter vitória por intermédio da atitude tomada frente as dores inevitáveis da vida. Assim da mesma forma que atribuímos sentido ao sofrimento, se molda as nossas ações de enfrentamento em relação às situações, e se sustentar na espiritualidade se torna opção de enfrentamento válida (SANTOS; BARBOSA, 2013).

## **7 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA**

Dependendo de cada cultura a palavra velho pode remeter a algo que sofre estigmas perdas ou pode nos remeter a sabedoria e experiência. A psicologia atribui ao velho algo subjetivo, partindo do pressuposto de que existe um processo para que se reconheça e se conscientize que essa fase chegou, cada idoso enfrenta de forma distinta esse processo e como

alguns têm uma dificuldade maior, a psicologia pode entrar como auxílio para os idosos que estão com o psicológico abalado e não conseguem se resignificar para lidar com tal fase (SANTOS, GERLACH; DRÜGG, 2015).

De acordo com a Ordem de Psicólogos (2015), o psicólogo pode intervir diante dos problemas que a fase da velhice apresenta, como nas perdas, luto, cuidados paliativos e final da vida, além de intervir em problemas de ordem psicológica, levar esclarecimentos sobre mitos que envolvem a velhice, desenvolver programas para estimular o envelhecimento ativo, na adesão a medicações e na adaptação e ajustamento a essa fase.

Ajudar o sujeito a encontrar possibilidades de enfrentar o sofrimento, é papel do profissional de psicologia, que deve ter sido orientado durante a graduação. Para atuar nesses momentos, o psicólogo precisa além de arcabouço teórico, de técnicas e de estar com questões pessoais sobre a finitude da vida, elaboradas e resolvidas, e aceitação da finitude do outro (KOVÁCS, 1992).

O psicólogo na área da saúde é indispensável, e deve dar suporte a quem estar em sofrimento e em fases delicadas como a velhice, o tudo e principalmente no âmbito dos Cuidados Paliativos, já que o paciente e a família que estão nesse processo estão fragilizados emocionalmente. Assim fazendo-se necessário o auxílio psicológico para que haja conscientização do processo de morte, uma possível aceitação e para possibilitar qualidade de vida ao sujeito que está em sofrimento (REZENDE; GOMES; MACHADO, 2014).

A psicologia pode trabalhar no processo de luto, quando se recebe uma notícia de uma doença terminal, onde os familiares e o paciente perderam o controle, então a psicologia pode entrar para ajudar na reorganização dando prioridade as limitações e fazendo apenas o que é possível (BIFULCO; CAFONERO, 2016). O psicólogo diante de um paciente na fase terminal, procura proporcionar qualidade de vida ao paciente, amenizar o sofrimento, ansiedade, depressão e todos os sentimentos que surgirem, do mesmo diante da morte. A atuação do psicólogo é de suma importância tanto no nível de prevenção, quanto nas diversas etapas do tratamento do paciente, como no processo terminal (KOVÁCS, 2013).

No que se refere ao papel do psicólogo, o mesmo pode intervir sobre os conflitos familiares, para melhorar a relação entre o paciente e a sua família, colaborando para a elaboração do luto. Os profissionais por entrarem em contato com os pacientes podem precisar também de escuta qualificada, já que estão lidando diretamente com esse processo de morte, assim possibilitando que os mesmos lidem com os sentimentos advindos de conviver todo dia com esse fato (REZENDE; GOMES; MACHADO, 2014).

Segundo Minatti (2018, p. 748):

O trabalho do psicólogo da equipe de cuidados paliativos considera que a singularidade de cada caso deve ser levada em consideração neste momento em que a vida se intensifica diante do anúncio da morte. Considera, ao escutar o pai, que este tem seu filho sob cuidados médicos. Considera, ao ouvir a equipe, cujas decisões atravessam as concepções dessa família, que esta tem sob seus cuidados um ser humano único.

É recomendado que na primeira consulta o psicólogo acompanhe o médico, entretendo não haverá intervenção da sua parte, e sim observação da dinâmica familiar, das relações com a doença e coleta de dados, caso veja a necessidade de atendimento, a intervenção tem que ser pontual, pois não se deve realizar psicoterapia no hospital (BRANDÃO *et al.*, 2018).

Como profissional da saúde, o psicólogo tem que observar os silêncios e as palavras do paciente, pois o mesmo é quem pode colocar o sujeito de frente com suas angústias e sofrimento, buscando a superação dos momentos de crise. A atuação nos cuidados paliativos vai de um extremo a outro, de um lado a perspectiva de não prorrogar o sofrimento, do outro a certeza de não diminuir o tempo de vida, entre um e outro encontramos o cuidar. Assim como o ser humano precisa de ajuda para vir ao mundo, também necessita ser ajudado no processo de morte (PORTO; LUSTOSA, 2010).

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É perceptível que a morte é uma temática carregada de complicações, já que a sociedade se esquia de discutir e vivenciar os processos que envolve sua aproximação: a velhice, finitude e o luto, estes processos quando não vividos de forma livre pode levar o sujeito a inúmeras consequências futuras, onde será necessário auxílio profissional.

Na idade adulta-avançada é uma fase mais delicada, por conta que o idoso já vem passando por perdas que geram a perda de sentido da vida, assim se preenchem do vazio que a aproximação da morte e a solidão trazem. Ainda existe o fator da estigmatização que os mesmos sofrem por sua dificuldade em ser ativos na sociedade e sua perda de autonomia, então se tornam excluídos mesmo que se encontrem em sofrimento.

Diante da angústia que causa tais processos se faz necessário que o sujeito se conscientize diante da finitude e encontre sentido para dar continuidade a vida e enfrentar essa fase, assim muitos se tornam adeptos de religiões e se aproximam da espiritualidade para obter conforto e enfrentar as adversidades que surgirem. Desse modo a espiritualidade corrobora para a elaboração da finitude da vida e a consciência de morte, fazendo com que o indivíduo enfrente de forma menos sofrida os eventos inevitáveis da vida.

Portanto, a psicologia pode ser de suma importância no processo de elaboração e consciência da finitude da vida, podendo atuar como um meio de acolhimento das demandas dos idosos, como auxílio no processo de dar sentido à vida, visando uma boa qualidade de vida e atuando junto aos familiares. Assim se tornando cada vez mais importante que esse profissional esteja nos espaços, como por exemplo, o hospital, onde as doenças, a morte e o sofrimento permeiam, além de serem indispensáveis em equipamentos onde esse público frequenta como, por exemplo, o CRAS que em alguns tem grupos com idosos.

Por fim sugere-se aos pesquisadores e profissionais que tenham interesse no tema, que façam uso desse artigo, afim de espalhar esse conhecimento tão importante para quem cuida ou convive com pessoas na fase do envelhecimento, pois é necessário dar voz aos idosos, para que estes sejam valorizados, cuidados e tratados nos seus momentos de angústia e sofrimento. Essa pesquisa também pode subsidiar estudantes da disciplina de psicogerontologia em estudos e pesquisas, além de ser importante para os estudantes de psicologia no que se refere aos assuntos finitude e sentido da vida, para que os mesmos comecem a refletir sobre.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, T. C. S. Espiritualidade e resiliência: enfrentamento em situações de luto. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 12, n.1, p. 72-91, jan-jun/2015. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2016/03/12-1-7.pdf>>. Acesso em: 04 de nov. de 2019.
- AQUINO, T. A. A de. **Logoterapia e análise existencial**: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. 1. Ed. São Paulo: Paulus, 2013.
- ARAÚJO, C. C. R. *et al.* Influência da idade na percepção de finitude e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol.18, n. 9, p. 2497-2505, 2013. Disponível em: <[https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/assets/csc/v18n9/v18n9a03.pdf](https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v18n9/v18n9a03.pdf)>. Acesso em: 09 set. 2019.
- BARBOSA, C.G; NEME, C M.B; MELCHIORI, L. E. A Família e o Indivíduo no Curso Vital: Compreensão Trigeracional sobre a Morte e o Morrer. **Rev. Mal-Estar Subj**, Fortaleza, vol.11, n.3, p. 967-1011, set/ 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v11n3/04.pdf>>. Acesso em 18 de mar. de 2019.
- BERGER, K. S. **O desenvolvimento da pessoa: do nascimento à terceira idade**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- BIFULCO, V, A; CAPONERE, R. **Cuidados paliativos: conversas sobre a vida e a morte na saúde**. Barueri, SP: Minha Editora, 2016.
- BRANDÃO, A. B; GENEZINI, D; CAVALCANTE, L. S. B; BERNARDES, D. C. R. Avaliação e registro da psicologia nos diferentes cenários em cuidados paliativos. In:

Carvalho, Ricardo T.; Souza, Milena Reis B.; Franck, Ednalda Maria; Polastrini, Rita Tiziana Verardo; Crispim, Douglas; Jales, Sumatra M. C. P.; Barbosa, Silvia M. M.; Torres, Simone Henriques B. (eds). **Manual da residência de cuidados paliativos**. BARUERI: Manole, 2018.

CAMARGOS, G. L. **Crescimento, desenvolvimento e envelhecimento humano**. Porto Alegre: SAGAH, 2019.

CORRÊA, D. A; RODRIGUES, A. M. D. Finitude e sentido da vida: do torpor à tarefa. **Logos e Existência**: revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. v.2, n.1, 37 – 46, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/le/article/view/15915>>. Acesso em: 03 de nov. de 2019.

CÓTICA, C. S. Percepção de envelhecimento e finitude no final da vida adulta tardia: um estudo num grupo da melhor idade. **Geriatrics & Gerontologia**. v.5, n.4, p. 201-13, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/8826>>. Acesso em: 18 de mar. de 2019.

ESPÍRITO SANTO, F.H; CUNHA, B. da S. e S. Envelhecimento e morte na concepção dos idosos e profissionais de enfermagem: uma revisão integrativa. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, São Paulo, v.15, n.4, p.161-174, 2012. Disponível em:< <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/10192/12636> >. Acesso em: 05 de nov. de 2019.

FABER, S. S. Envelhecimento e elaboração das perdas. **A terceira idade**: SESC, São Paulo, v.23, n.53, 2012.

FARINASSO, A. L. C; LABATE, R. C. Luto, religiosidade e espiritualidade: um estudo clínico-qualitativo com viúvas idosas. **Rev. Eletr. Enf**, v.14, n. 3, p. 588-95, jul-set/2012. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v14/n3/v14n3a15.htm>>. Acesso em 05 de nov. de 2019.

FRANKL, V. E. **A vontade de sentido**: fundamentos e aplicações da logoterapia. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2017.

\_\_\_\_\_. E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução por Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 25 ed. Cidade: Petrópolis Editora Vozes, 2008.

FRUGOLI, R; REJOWSKI, M; COBUCCI, L. Dia dos mortos no México: comemoração, comensalidade e espetacularização. **Anais..** Foz do Iguaçu: [s.n.], 2016. Disponível em: <<http://festivaldascataratas.com/wp-content/uploads/2017/04/6.-DIA-DOS-MORTOS-NO-M%C3%89XICO-COMEMORA%C3%87%C3%83O-COMENSALIDADE-E-ESPETACULARIZA%C3%87%C3%83O.pdf>>. Acesso em: 10 de out. de 2019.

GIL, A C. **Como elaborar projetos de pesquisa** .6. ed. – São Paulo: Atlas, 2017.

GREAVES, T. **Heidegger**. Porto Alegre: Penso, 2012.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** – Características dos Moradores e Domicílios, 2017.

JÚNIOR, F. J. G da. S. *et al.* Processo de morte e morrer: evidências da literatura científica de Enfermagem. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v.64, n.6, p. 1122-6, nov-dez/2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n6/v64n6a20.pdf>>. Acesso em: 04 de nov. de 2019.

JUNIOR, J. C. L. Psicologia e Religião em Viktor Frankl: A relação entre ciência e Espiritualidade na Logoterapia. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**. Vol. 7, n. 11, p. 60-75, jan-jun, 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/15714>>. Acesso em: 09 de nov. de 2019.

KOVÁCS, M. J. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo, 1992.

KOVÁCS, M. J. **Sofrimento da equipe de saúde no contexto hospitalar: cuidando do cuidador profissional**. O Mundo da Saúde, São Paulo, 2013.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. Martins fontes: São Paulo, 1996.

LIMA, P. M. R. de; COELHO, V. L. C; GUNTHER, I. de A. Envolvimento vital: um desafio da velhice. **Geriatrics & Gerontologia**. v.5, n.4:p.261-8, 2011. Disponível em: <<https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/ggaging.com/pdf/v5n4a13.pdf>>. Acesso em: 04 de nov. de 2019.

LIMA, R. *et al.* A morte e o processo de morrer: ainda é preciso conversar sobre isso. **REME – Rev Min Enferm**. v. 21, p. 1040, 2017. Disponível em:< <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/1178>>. Acesso em: 10 de set. de 2019.

MACHADO, L. M. O Idoso Diante da Finitude e a Morte: uma Compreensão Existencial-Fenomenológico sobre a Possibilidade Última de Vida. **Psicologado**. Edição 03/2016. Disponível em: <<https://psicologado.com.br/atuacao/tanatologia/o-idoso-diante-da-finitude-e-a-morte-uma-compreensao-existencial-fenomenologico-sobre-a-possibilidade-ultima-de-vida>>. Acesso em: 05 de nov. de 2019.

MATOS, D. C. Felicidade e Sentido da Vida na Sociedade de Consumo. **Logos e Existência**: revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. v.1, n.1, p.72- 78, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/le/article/view/13782>>. Acesso em 06 de nov. de 2019.

MINATTI, S. P. Avaliação e registro da psicologia nos diferentes cenários em cuidados paliativos. In: Carvalho, Ricardo T.; Souza, Milena Reis B.; Franck, Ednalda Maria; Polastrini, Rita Tiziana Verardo; Crispim, Douglas; Jales, Sumatra M. C. P.; Barbosa, Silvia M. M.; Torres, Simone Henriques B. (eds). **Manual da residência de cuidados paliativos**. Barueri: Manole, 2018.

MOREIRA, N; HOLANDA, A. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Logoterapia e Sofrimento**. **Psico-USF**, v. 15, n. 3, p. 345-

356, set-dez/2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v15n3/v15n3a08.pdf>>. Acesso em: 03 de nov. de 2019.

NEGRINI, M. A significação da morte: Um olhar sobre a finitude da vida. **Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 27, n. 01, p. 29-36, jan-abr/2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/6592>>. Acesso em 03 de nov. de 2019.

ORDEM DOS PSICOLOGOS PORTUGUESES. O Papel dos Psicólogos no Envelhecimento. Lisboa, 2015. Disponível em: <[http://recursos.ordemdospsicologos.pt/files/artigos/papel\\_psic\\_envelhecimento-2.pdf](http://recursos.ordemdospsicologos.pt/files/artigos/papel_psic_envelhecimento-2.pdf)>. Acesso em: 05 de nov. de 2019.

PAPALIA, D. E; FIELDMAN, R. D. Desenvolvimento Humano. Trad. Cristina Monteiro e Mauro de Campos Silva. 12. ed. Porto Alegre: AMGM, 2013.

PORTO, G; LUSTOSA, M. A. Psicologia Hospitalar e Cuidados Paliativos. **Rev. SBPH, Rio de Janeiro**, v.13, n.1, Jun/2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v13n1/v13n1a07.pdf>>. Acesso em 05 de nov. de 2019.

RABELLO, E.T; PASSOS, J. S. Vygotsky e o desenvolvimento humano. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>>. Acesso em: 04 nov.de 2019.

REZENDE, L. C; GOMES, C. S; MACHADO, M. E. da C. A. A finitude da vida e o papel do psicólogo: perspectivas em cuidados paliativos. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 6, n. 1, jan-jun/2014, p. 28-36. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpsaude/v6n1/v6n1a05.pdf>>. Acesso em: 04 de nov. de 2019.

ROCHA, R. C. N. P; PEREIRA, E. R; SILVA, R. M. C. R. A. A dimensão espiritual e sentido da vida na prática do cuidado de Enfermagem: enfoque fenomenológico. **REME – Rev Min Enferm**, v.22, p.1151, 2018. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/1294>>. Acesso em: 05 de out. de 2019.

SANTOS, F. P. dos; BARBOSA, J. Espiritualidade e Sentido de vida. **Logos & Existencia: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e análise existencial**, v.2, n.1, p. 26-36, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/le/article/view/16373>>. Acesso em: 05 de nov. de 2019.

SANTOS, M. M.; GERLACH, K.; DRÜGG, A. M. S. Psicologia do envelhecimento. **Salão do Conhecimento**, v. 1, n. 1, p. 2318-2385, 2015. Disponível em: <<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/4868>>. Acesso em: 26 de out.de 2019.

SCHRAMM, F. R. Finitude e Bioética do Fim da Vida. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v.58, n.1, p. 73-78, 2012. Disponível em: <[http://www1.inca.gov.br/rbc/n\\_58/v01/pdf/11\\_artigo\\_opinicao\\_finitude\\_bioetica\\_fim\\_vida.pdf](http://www1.inca.gov.br/rbc/n_58/v01/pdf/11_artigo_opinicao_finitude_bioetica_fim_vida.pdf)>. Acesso em: 09 set. 2019.

SILVA, D. I. Significados e práticas da espiritualidade no contexto dos cuidados paliativos em pacientes oncológicos adultos. **Revista Hospital de Clínicas de Porto Alegre**, v.31, n.3,

p. 353-358, 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/hcpa/article/view/17550>>. Acesso em: 10 de nov. de 2019.

SILVA, M. A da. Os Cuidados no Fim da Vida no Contexto dos Cuidados Paliativos. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v.62, n.3, p. 253-257, 2016. Disponível em: <[http://www1.inca.gov.br/rbc/n\\_62/v03/pdf/08-artigo-opinio-os-cuidados-ao-fim-da-vida-no-contexto-dos-cuidados-paliativos.pdf](http://www1.inca.gov.br/rbc/n_62/v03/pdf/08-artigo-opinio-os-cuidados-ao-fim-da-vida-no-contexto-dos-cuidados-paliativos.pdf)>. Acesso em 10 de nov. de 2019.

SOUZA, J. P. B de. *et al.* Espiritualidade Enquanto Estratégia Subjetiva em Busca de Sentido para a Vida. **Rev. Mult. Psic.** v.12, n. 39, p. 1981-1179, 2018. Disponível em: <<http://idonline.emnuvens.com.br/id>>. Acesso em 10 de nov. de 2019.

SOMMERHALDER, C. Sentido da Vida na fase adulta e velhice. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.23, n.2, p.270-277, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722010000200009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722010000200009)>. Acesso em: 10 set. 2019.

STUART-HAMILTON, I. **A psicologia do envelhecimento: uma introdução**. São Paulo: Artmed, 2002.

TEODÓSIO, A. I. **Luto na terceira idade após viuvez**. Universidade da Beira Interior, dissertação de Mestrado, Covilhão, 2013.

VILLASENOR, R. L; CONCONE, M. H.V. B. A celebração da morte no imaginário popular mexicano. **Revista Temática Kairos Gerontologia**. São Paulo, v. 15, n.4, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/17036/12642>>. p. 37. Acesso em: 09 de nov. de 2019.

VEGA, V. S. P. Espiritualidade na Psicologia de acordo com a Logoterapia: A dimensão noética e a busca de sentido. **Psicologia, Espiritualidade e Epistemologias Não-Hegemônicas**. 1.ed. São Paulo, Conselho Regional de Psicologia SP- CRP 06, p. 57-62, 2016.

VYGORSKY, L.S.A. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.